

UMA VISITA AO LABORATÓRIO DO AUTOR COM DIREITO A UM MERGULHO NA HISTÓRIA DA TRANSMISSÃO TEXTUAL

Ceila Ferreira Martins¹
LABEC-GCL-EGL-UFF

RESUMO: *Reflexões sobre a preparação e os critérios de preparação de edições críticas e crítico-genéticas a partir dos trabalhos de edição crítica de Papéis Avulsos, livro de contos de Machado de Assis, e da realização da edição crítico genética de O Egípcio e outros relatos, narrativas de viagem de Eça de Queirós. O trabalho de edição crítica de Papéis avulsos está sendo realizado no Laboratório de Ecdótica (LABEC) da Universidade Federal Fluminense com a colaboração de um grupo de uma Equipe nomeada Papéis Avulsos. Os trabalhos de preparação da edição crítico genética estão sendo realizados pela autora dessas linhas como membro da Equipe Eça de Queirós.*

Palavras-chave: Crítica Textual, Crítica Genética, Edições, História, Literatura, Transmissão Textual

[...] A ordem é ao mesmo tempo aquilo que se oferece nas coisas como sua lei interior, a rede secreta segundo a qual elas se olham de algum modo umas às outras e aquilo que só existe através do crivo de um olhar, de uma atenção, de uma linguagem; e é somente nas casas brancas desse quadrinho que ela se manifesta em profundidade como já presente, esperando em silêncio o momento de ser enunciada.

Michel Foucault, *As Palavras e as Coisas*.

[...] nenhum filólogo trabalha liberto das condições do seu tempo[...]

Ivo Castro, *O Retorno à Filologia*.

Sim. As palavras de Michel Foucault acima destacadas nos faz lembrar um pouco do trabalho do crítico textual: interpretar e tecer uma ordem que vai ao encontro, ou se aproxima talvez, do que o autor produziu e quis que fosse transmitido através dos tempos. E também nos soa muito pertinente o que escreveu o ilustre Professor Doutor Ivo Castro

¹ Professora Adjunta de Crítica Textual do Departamento de Ciências da Linguagem do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense e Coordenadora Geral do Laboratório de Ecdótica (LABEC) da Fluminense. E-mails para contato: ceilamaria@hotmail.com e labec@vm.uff.com.br.

em “O Retorno à Filologia”, artigo publicado no livro em homenagem à memória do não menos ilustre Professor Doutor Celso Cunha, “nenhum filólogo trabalha liberto das condições do seu tempo [...]” (CASTRO, 1995, p. 516). Não podemos nos esquecer: estamos mergulhados na história. A História é uma luz que ilumina nossos olhos, nossas interpretações.

Todos sabemos: uma edição crítica está intimamente ligada ao conhecimento científico de matiz multidisciplinar acumulado e em processo de transformação no tempo em que transcorre a sua preparação e a sua publicação. E não só está vinculada ao conhecimento científico de matiz multidisciplinar, mas também às condições de acesso aos arquivos e às informações indispensáveis à plena realização do levantamento da tradição direta e indireta da obra-objeto de tal edição. O próprio conceito de edição crítica vai sofrendo pequenas alterações à medida que os críticos textuais ou filólogos vão entrando em contato com alterações mais ou menos substanciais presentes no universo epistemológico da época em que vivem.

Hoje, é idéia corrente que uma edição crítica é uma “hipótese de trabalho”. A fixação e a publicação do texto crítico estão intimamente condicionadas aos critérios de edição acreditados pelo filólogo como os mais eficazes para a correta transmissão do texto que mais se aproxima da última intenção materializada pelo autor. Além disso, como salientou Ivo Castro, em artigo já citado neste trabalho:

[...] O risco de a ciência e o gosto do filólogo (a sua subjetividade) interferirem no estabelecimento do texto surge nos seguintes quatro momentos: quando ele julga identificar o erro, quando ele conjectura a respectiva emenda, quando decifra o original (podendo a sua expectativa quanto ao que o texto *quer dizer* sobrepor-se ao que o autor disse) e, finalmente, quando escolhe os signos gráficos que, na sua transcrição, vão equivaler aos do exemplar. [...] (CASTRO, 1995, p. 515).

Pois bem. Uma edição crítica está também relacionada a vários outros fatores que dizem respeito à época em que ela foi pensada e realizada. Não podemos inclusive nos esquecer do perfil acadêmico de seu editor científico, perfil este que vai ser um fator importante nas escolhas de fixação do texto crítico e nos critérios de publicação da edição que será apresentada ao público leitor. Por exemplo: se o editor científico tiver uma formação mais voltada para os estudos literários, a introdução da edição e os comentários exegéticos serão mais direcionados a tais estudos, ao passo que, se a formação do editor científico for mais voltada aos estudos lingüísticos, a introdução não terá tantas observações ligadas aos estudos literários e os comentários explicativos serão mais voltados para o exame das ocorrências de fatos da língua. Além disso, a atualização ou não da grafia em que o texto-base foi escrito vai depender da estratégia editorial traçada pela Equipe de edição crítica ou pelo filólogo em particular e também pelo que o filólogo ou crítico textual considera serem passíveis de atualização, em termos de grafia, sem que tais atualizações maculem a história e o estágio da língua em que o texto-base foi publicado.

Pensando em termos de conjuntura, uma edição crítica realizada após o chamado *boom* da Crítica Genética vai, necessariamente, tentar responder às questões suscitadas pelos estudos de manuscritos autógrafos do autor e pelas pesquisas acerca do processo de

gênese da obra-objeto de edição.² Tal observação nos faz pensar na distinção entre Crítica Textual Antiga e Crítica Textual Moderna apresentada por Ivo Castro no artigo: Enquanto os escritores escreverem... (Situação da crítica textual moderna) (CASTRO, 1990, p. 3).

Para o Professor Catedrático da Universidade de Lisboa e Coordenador da Equipa Fernando Pessoa, Crítica Textual Antiga é a Crítica Textual do manuscrito autógrafo ausente e tem como objetivos a eliminação das intromissões no texto realizadas por terceiros e a fixação do texto crítico tal qual, ou o mais aproximadamente possível, à última intenção materializada pelo autor. Já a Crítica Textual Moderna é a Crítica Textual do manuscrito autógrafo presente e é a que trabalha também com os textos em processo de criação, além de examinar os paratextos e o chamado *dossiê* do autor.³

A Crítica Textual Moderna, ainda segundo o Professor Doutor Ivo Castro, trabalha com textos produzidos nos séculos XIX e XX. E é interessante notarmos que, conforme Michel Foucault, em *As Palavras e as Coisas*, no início do século XIX, dá-se uma das duas “grandes descontinuidades na epistêmê da cultura ocidental”: a que “marca o limiar da nossa modernidade”. (FOUCAULT, 2002, p. XIX). Não é por acaso que, nessa época, a figura do autor passa a ter maior prestígio e seus manuscritos recebem um valor antes não alcançado. Sintomaticamente, é nessa altura que Victor Hugo doa seus manuscritos para a Biblioteca Nacional, em Paris. Formas novas de ver, de compreender, de representar o mundo nasciam ao mesmo tempo em que são construídas obras literárias por escritores como Machado de Assis e Eça de Queirós. Acerca das edições de textos do autor de *Dom Casmurro* e do autor de *A Relíquia* falaremos mais adiante.

A respeito dos parâmetros que regem um projeto de edição crítica preparado dentro dos limites da Crítica Textual Antiga e da Crítica Textual Moderna, os da Crítica Textual Antiga irão necessariamente trabalhar com edições impressas ou digitalizadas e, eventualmente, com manuscritos apógrafos. Raramente, irão trabalhar com um manuscrito autógrafo do autor e quando isto acontecer, não levarão em conta, na preparação da edição e mesmo na preparação do aparato crítico, as correções e as rasuras feitas pelo autor no manuscrito autógrafo. O resultado desse tipo de trabalho geralmente é uma edição crítica que tem como capítulos principais a introdução crítico-filológica e o texto crítico, acompanhado do aparato crítico formado, na maior parte das vezes, por variantes de terceiros ou de transmissão. Já os projetos de edição crítica preparados segundo a Crítica Textual Moderna vão privilegiar obras que tenham manuscritos autógrafos de seu autor. Além disso, em muitos casos – e, quanto mais nos aproximamos no tempo aos dias de hoje, maior a probabilidade de nos depararmos com esses casos – ocorre a oportunidade de trabalharmos com várias campanhas ou etapas do processo de escrita de uma obra ou de partes de uma obra, campanhas e etapas estas documentadas por manuscritos autógrafos do próprio autor. As publicações que irão resultar da realização desse tipo de projeto são edições crítico-genéticas que poderão apresentar a seguinte estrutura: uma introdução crítico-filológica, o texto crítico, acompanhado do aparato crítico e seguido de um aparato genético. No aparato genético desse tipo de edição, que procura restabelecer o texto que mais se aproxima da última vontade materializada pelo autor e que também procura

² Conjuntura aqui é entendida como tendência e como: “[...] conexões entre fenômenos diversos, mas simultâneos.[...]” (BURKE, 1991, p. 129).

³ Para uma definição de paratexto, veja-se o texto de Célia Marques Telles em *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*, pp. 38-40, edição de 2006.

apresentar a gênese textual documentada pelo conjunto de manuscritos autógrafos preservados do passar do tempo, ocorrem muitas vezes variantes do autor. Contudo, não é somente em edições crítico-genéticas que encontramos variantes do autor, isto é mais do que sabido. Mas podemos ir um pouco mais além neste nosso trabalho e dizer que não é somente através de uma edição crítico-genética ou genética que o leitor tem a oportunidade de estar diante ou de surpreender o processo de criação e mesmo o labor textual do autor. Também não é somente através de uma edição crítica (sem matiz genético) que o leitor tem a oportunidade de tomar conhecimento da história da transmissão de uma determinada obra. Inclusive, algumas edições críticas apresentam no aparato apenas o cotejo entre as edições publicadas em vida do autor. Não cotejam as edições publicadas após a morte do autor, nem quando elas têm papel importante na história de sua transmissão nem quanto são importantes para entendermos a formação de uma fortuna crítica da obra editada.

Vejam os alguns exemplos do que acabamos de dizer: uma edição crítica como a de *O Crime do Padre Amaro*, preparada, pelo Professor Doutor Carlos Reis e pela Professora Doutora Maria do Rosário Cunha, dentro do Projeto de Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, vai trazer estampado em suas páginas parte do labor textual realizado por Eça de Queirós, labor esse talvez produzido num esforço de o autor superar aspectos, na altura, já cristalizados, porém em processo de transformação, do Realismo-Naturalismo. A respeito do esforço de superação da estética Realista-Naturalista por Eça de Queirós, é sabido e comentado o impacto da crítica machadiana de *O Crime do Padre Amaro* e de *O Primo Bazílio* sobre a obra de Eça de Queirós. Bem, a já citada edição crítica da conhecida Equipa Eça, através da própria opção editorial de como publicar o texto crítico e o aparato crítico, facilmente faz saltar aos olhos do leitor o intenso labor textual e as numerosas variantes do autor. Tais variantes autorais abrem as portas do laboratório de criação de Eça de Queirós para o público leitor da edição crítica realizada pela Equipa Eça. Podemos não ver as correções, as rasuras feitas pelas mãos de Eça, mas nos deparamos com o resultado de seu trabalho, as diferenças que marcam a existência de três versões de uma obra em processo de transformação. Explico. Da leitura da edição crítica preparada por Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha, o leitor recebe informações detalhadas acerca das três versões de *O Crime do Padre Amaro*. Como já foi dito mais acima, a própria opção editorial de apresentar o texto crítico nas páginas pares da edição crítica e, nas páginas ímpares, o texto da edição de 1876, com a grafia atualizada segundo critérios estabelecidos pelo coordenador da Equipa Eça, o Professor Doutor Carlos Reis, faz com que o leitor perceba mais claramente o trabalho do autor em relação ao texto. Além disso, a apresentação do aparato crítico de variantes em duas partes, uma, com o cotejo das edições de 1889 e de 1880 e outra, com o cotejo das edições de 1889 e 1876, possibilita ao leitor perceber com nitidez as expressivas mudanças até mesmo estruturais decorrentes do labor textual de Eça de Queirós, a ponto de ser facilmente verificável pelo leitor o trabalho de expansão do texto realizado pelo autor de uma versão para outra de *O Crime do Padre Amaro*.⁴ Apesar de não haver notícias acerca do paradeiro dos manuscritos da obra em questão, através do exame da edição crítica publicada pela Equipa Eça, podemos vislumbrar o exaustivo trabalho de preparo do texto de *O Crime do Padre Amaro* por Eça de Queirós em direção à superação das amarras do

⁴ O trabalho de retocar o texto e aumentá-lo é assim chamado por Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha na introdução da referida edição crítica. Conforme página 75 da referida edição.

processo de criação literária referentes ao Realismo-Naturalismo. Podemos lançar um olhar em direção ao gabinete de trabalho de Eça de Queirós e apesar de não nos ser possível ver os bastidores desse trabalho, os manuscritos, suas emendas e suas rasuras, nos foi dado ver o resultado de suas alterações e de seu intenso labor textual. Através das opções editoriais tomadas por Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha, podemos inclusive ter notícias sobre o impacto da influência da Crítica Genética sobre a Crítica Textual. A própria introdução da edição crítica de *O Crime do Padre Amaro*, tão preocupada com a gênese da obra, é uma afirmação nesse sentido. Até mesmo para a escolha do texto base da referida edição crítica, o da edição de 1889, foram examinadas, pelos editores científicos, as informações decorrentes das cartas de Eça de Queirós a seus amigos e a seus editores. Além disso, para o próprio exame e estudo do trabalho do escritor em relação às três versões da obra, foram também utilizadas como fontes, por Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha, as cartas do autor de *O Crime do Padre Amaro* e o que elas tinham a dizer acerca do processo de escritura da obra em questão. Bem, deixemos um pouco, por alguns momentos Eça de Queirós, e desloquemos a nossa atenção até Machado de Assis e seus *Papéis Avulsos*.

A edição crítica de *Papéis Avulsos*, de Machado de Assis, que estamos preparando no Laboratório de Ecdótica – o LABEC - da Universidade Federal Fluminense, com a ajuda de 17 alunos de Graduação, uma aluna da Pós-Graduação *Stricto Sensu*, um aluno da Pós-Graduação *Lato Sensu* e um técnico-administrativo, todos eles da Fluminense e de mais um graduado em Português-Literaturas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, caminha nesse sentido. Nessa edição, no aparato crítico, ao lado de comentários exegeticos característicos de uma edição crítica coordenada por uma editora científica que entende a Crítica Textual como Filologia, encontraremos também variantes do autor e variantes de transmissão ou de terceiros, pois entrarão na *collatio* edições preparadas em vida do autor e também as primeiras vulgatas do texto. Ou seja, vamos colacionar as edições em jornais e revistas com a edição em livro publicada em vida do autor, a de 1882, e duas de suas primeiras vulgatas, a edição da Garnier, possivelmente publicada em 1920, além de a edição da Jackson, publicada em 1937. Pretendemos com isso, apresentar ao público leitor uma visão do labor de Machado de Assis em relação aos contos que compõem o livro *Papéis Avulsos*, como também mostrar uma parte da história da transmissão dessa obra. Através da Edição Crítica e Comentada de *Papéis Avulsos*, pretendemos apresentar ao leitor, que vive no século XXI, uma pequena amostra do laboratório de criação de Machado de Assis ao sabor das mudanças que o conhecido bruxo do Cosme Velho operou em seus textos. Também, pelo exame das alterações empreendidas pelo próprio Machado de Assis nas publicações em jornal e em revista para a publicação em livro e as realizadas por terceiros nas vulgatas editadas pela Garnier e pela Jackson, podemos surpreender como o texto das edições de *Papéis Avulsos* foi apresentado ao longo de um espaço temporal considerável: a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século passado.

Além disso, na Edição Crítica e Comentada de *Papéis Avulsos*, estamos atualizando a grafia do texto base (a de 1882 para a maior parte dos contos) procuranso ao máximo não macularmos o estágio da história da língua portuguesa em que ele está escrito e tentaremos - o mais possível - romper o ruído que nos separa da segunda metade do século XIX por meio também de comentários exegeticos, explicativos para palavras, expressões, dados da História e usos da língua que são de difícil entendimento ao leitor de

hoje.⁵ E essa edição lança um olhar em direção ao laboratório do autor, através da exposição, no aparato crítico, das mudanças empreendidas por Machado de Assis nos textos publicados em jornal e em revista para a edição em livro, apesar de a Equipe não ter, até o momento, entrado em contado com manuscritos da obra citada. Contudo, a edição *Papéis Avulsos* tem ainda a peculiaridade de ser uma edição preparada num laboratório. Ou seja: os alunos, que trabalham no cotejo dos textos e na preparação do aparato crítico (de variantes do autor e de transmissão e de comentários exegéticos), estão aprendendo a fazer uma edição crítica. E uma edição crítica vinculada a uma idéia de Crítica Textual que não se restringe a de estabelecimento de texto, mas sim que se encontra em consonância com:

[...] a filologia, definida como ciência que estuda a gênese e a escrita dos textos, a sua difusão e a transformação dos textos no decurso da sua transmissão, as características materiais e o modo de conservação dos suportes textuais, o modo de editar os textos com respeito máximo pela intenção manifestada do autor [...] (CASTRO, 1990, pp. 46-47).

Podemos também considerar que uma edição crítica preparada conforme tais preceitos não deixa de fornecer material para a Crítica das Variantes. Tal Crítica tem entre seus objetivos, coincidentemente com a Crítica Genética e com a Crítica Textual Moderna, o de olhar para dentro do laboratório dum autor.⁶ E, por falar em Crítica das Variantes, recordamo-nos de Sousa da Silveira, apontado por Maurizio Perugi como autor de um estudo pioneiro na área. Sousa da Silveira foi mestre do Professor Maximiano de Carvalho e Silva, fundador da Crítica Textual como disciplina autônoma na graduação da maior parte dos cursos de Letras da Universidade Federal Fluminense.⁷ Bem, em 1983, foi publicada pela Lello & Irmão e pelo Real Gabinete Português de Leitura uma edição crítica de *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco. Tal publicação teve como editor crítico o Professor Maximiano de Carvalho e Silva que, com a ajuda de um grupo de alunas da UFF, cotejou as edições em vida do autor e preparou o aparato crítico da edição que também traz estampado em suas páginas o manuscrito autógrafo de *Amor de Perdição*.⁸ Tal edição, apesar de a rigor não poder ser chamada de genética nem de crítico-genética, vai também lançar um olhar em direção ao laboratório do autor, no caso Camilo Castelo Branco, pois vai apresentar o manuscrito aos leitores, apesar de não ter um aparato genético. Contudo, não podemos nos esquecer que tal edição foi publicada em 1983. Portanto sua publicação é anterior à edição dos trabalhos da Equipa Pessoa, da Equipa Eça de Queirós e da maior divulgação da Crítica Genética nos meios universitários brasileiros. Já a edição que estamos preparando dentro da Equipe Eça de Queirós, a edição crítico-genética de *O Egípto e outros*

⁵ Sobre os ruídos ou *rumore* em Crítica Textual, veja-se *Principi e Applicazioni di Critica Textuale* de Aurelio Rocaglia, páginas 25 a 27 da edição de 1975.

⁶ Conforme Bárbara Spaggiari em *Fundamentos da Crítica Textual*, na página 52 da edição de 2004 do referido livro: “Olhar para dentro do laboratório secreto dum autor é o objetivo da chamada ‘crítica das variantes’ [...]”.

⁷ Para Sousa da Silveira como um dos iniciadores da Crítica das Variantes no mundo lusófono, leia-se a observação de Maurizio Perugi na página 201 do livro citado na nota anterior (nota número 4).

⁸ Para o conceito de editor científico, leia-se: *A construção da narrativa queirosiana*, de Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro, edição publicada em 1989.

relatos, tem como base os manuscritos autógrafos do autor de *Os Maias* e as publicações de alguns trechos das narrativas de viagens publicados na imprensa, quando Eça ainda era jovem. Todavia, estamos colacionando os manuscritos e as publicações das narrativas de viagens impressas em vida de Eça com a edição póstuma de *O Egípto*, publicada pelo filho do autor, José Maria, em 1926, e com a edição também póstuma intitulada *Folhas Soltas*, da responsabilidade da filha do autor, Dona Maria, saída a público em 1966. Tal edição, a de *Folhas Soltas*, além de apresentar uma introdução escrita por Dona Maria, traz a “Palestina”, a “Alta Síria”, “Sir Galahad” e “Os Santos”. Tanto a edição de 1926 de *O Egípto* como a edição de 1966, intitulada *Folhas Soltas*, podem ser chamadas e consideradas como vulgatas das narrativas de viagens atribuídas a Eça de Queirós, pois divulgam ao público leitor o que o cânone queirosiano passou a conhecer como *O Egípto*, com o subtítulo de Notas de viagem; a Palestina e a Alta Síria. E qual foi o motivo que nos levou a colacionar o manuscrito autógrafo do autor e as edições de trechos de *O Egípto*, publicados em periódicos, com as vulgatas de 1926 e de 1966 das narrativas de viagem? Colacionamos tais textos pois todos eles fazem, inegavelmente, parte na história da transmissão de *O Egípto*, da Palestina e da Alta Síria. Desprezar tais edições é negar uma das faces, inclusive a mais conhecida do público leitor e da crítica literária, em que tais obras foram transmitidas através dos tempos.

O Egípto e outros relatos, edição crítico-genética que estamos preparando dentro da Equipe Eça, vai trazer estampadas em suas páginas parte significativa da gênese das narrativas de viagem de Eça de Queirós, assim como parte expressiva da história da sua transmissão.

A Edição Crítica e Comentada de *Papéis Avulsos*, livro de contos de Machado de Assis, que estamos realizando com a Equipe chamada *Papéis avulsos*, também vai trazer o labor textual do bruxo do Cosme Velho e parte da história da sua transmissão.

Como podemos verificar do que foi exposto no trabalho que ora apresentamos, estamos realizando uma edição crítico-genética, a de *O Egípto e outros relatos*, e uma edição crítica e comentada, a de *Papéis Avulsos*, porém, tais edições estão sendo preparadas sob a influência da Crítica Genética e da teoria e da prática, advindas principalmente das publicações das Equipes de Edição Crítica Fernando Pessoa e Eça de Queirós, sem nos esquecermos dos ensinamentos colhidos nas edições da Comissão Machado de Assis, nas aulas dos Professores Maximiano de Carvalho e Silva e Edwaldo Machado Cafezeiro e nos textos teóricos da Professora Célia Marques Telles.

Não podemos nos esquecer que não estamos imunes ao nosso tempo. A Crítica Textual é repensada a cada dia sob o signo do quadro epistemológico em vigência hoje, um quadro que, como a própria Crítica Textual, habita o espaço do multidisciplinar a caminho de uma totalidade.

Qual foi a nossa intenção ao escrevermos este trabalho? Apresentarmos que tanto uma edição crítica como uma edição crítico-genética podem também ser uma visita ao laboratório do autor com direito a um mergulho na história da sua transmissão. Espero ter conseguido o meu intento.

Referências Bibliográficas:

BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola de Annales* (1929-1989). 3 ed. São Paulo: UNESP, 1991.

CASTRO, Ivo. Enquanto os escritores escreverem ... (Situação da crítica textual moderna). Conferência plenária, IX Congresso da ALFAL, Campinas, Mimeo, 65 p. 1990.

-----, O Retorno à Filologia. IN: PEREIRA, Paulo Roberto Dias/ PEREIRA, Cilene da Cunha (org.). *Miscelânea de estudos lingüísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

REIS, Carlos/MILHEIRO, Maria do Rosário. *A construção da narrativa queirosiana*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

REIS, Carlos/CUNHA, Maria do Rosário (eds). *O Crime do Padre Amaro*. Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

RONCAGLIA, Aurelio. *Principi e Applicazioni di Critica Testuale*. Roma: Bulzoni, 1975.

SPAGGIARI, Barbara/PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

TELLES, Célia Marques. O Paratexto e a Filologia. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição R./QUEIROZ, Rita de Cássia R./SANTOS, Rosa Borges dos. *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006, pp 23-61.